ESCRITA ACADÊMICA E CRITICIDADE[1]

ACADEMIC WRITING AND CRITICISM

Dina Maria Martins Ferreira[2]

Fazer ciência não é apenas estabelecer-se
nos centros das abstrações,
que apenas privilegiam a razão.
Ciência pode (e deve) ser
um modo de intervenção no mundo [...]
(RAJAGOPALAN; MARTINS FERREIRA, 2006, p. 7).

Porquê pensar: [...] porque pensar não é tudo.
A lucidez das nossas ações pressupõe
que elas sejam pensadas,
mas se forem só pensadas nunca serão ações.
É preciso agir e sentir porque o pensamento
só é útil a quem não se fica pelo pensar.
Aqueles que se arrogam a só pensar,
passam a vida a espalhar a morte no que escrevem,
a mesma morte que está dentro deles
(SANTOS, B., 2012, p. 40).

RESUMO: De uma maneira geral, o gênero acadêmico-científicos surge a partir da necessidade de se divulgar o conhecimento produzido através do método científico, com uma discussão que exija também um arcabouço de discurso científico. No Brasil, a produção científica está intrinsecamente ligada à Universidade, especialmente, a pública, cuja produção e respectiva publicação estão vinculadas, boa parte, ao financiamento dado à pesquisa. Mas este quadro de 'perfeição' científica é atravessado pela realidade da quantificação, deixando, muitas vezes, o aspecto qualitativo de lado. A quantificação ganha força, na medida em se a produtividade de um pesquisador também é avaliada pelo número de trabalhos apresentados ou publicados em eventos e revistas de grande relevância no âmbito científico, sem que se considere o impacto do trabalho na área de atuação do seu autor. E a busca pelo cumprimento de metas numéricas, chamada por alguns de produtivismo, acaba se tornando mais importante que a relevância ou a criatividade dos conhecimentos que estão sendo expostos através da escrita acadêmica. Sob a lâmina afiada entre quantificação e qualificação, apresentam-se, nestes estudos, indagações de cunho ético e de sobrevivência enquanto pesquisador, ou seja, de exclusão e de inclusão do pesquisador no campo universitário.

1 Este artigo é parte de uma pesquisa maior, cujas modificações e adequações aqui ministradas visam atender às propostas da Revista Raído.

2 Pesquisadora do Centro de Atualidades e Cotidiano da Université Paris V, Sorbonne. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará. Autora de quatro livros, organizadora de quatro livros, capítulo de livros, artigos nacionais e internacionais.

Palavras-Chave: quantificação; qualificação; escrita acadêmica; ética; produtivismo.

ABSTRACT: In general, the academic-scientific genre arises from the need to disseminate knowledge produced through the scientific methods, with a discussion that also requires a scientific discourse framework. In Brazil, the scientific production and publication thereof are linked, much, funding given to research. But this picture of scientific 'perfection' is crossed by the reality of quantification, leaving often the qualitative aspect aside. Quantifying gains strength, as the productivity of a researcher is also evaluated by the number of papers presented or published at events and highly relevant journals in the scientific world, without considering the impact of the work on the author area of operation. And the search for compliance with numerical targets, called by someone as productivism, turns out to be more important than relevance and creativity of knowledge being exposed through academic writing. Under the sharp blade of quantification and qualification, we present in this study, questions of an ethical nature and a survival as a researcher, i.e., exclusion or inclusion of the researcher in the university field.

Keywords: quantification; qualification; academic writing; ethics; productivism.

INTRODUÇÃO

Os gêneros acadêmico-científicos surgem a partir da necessidade de se divulgar o conhecimento produzido através do método científico. Logo, é imprescindível que a escrita acadêmica esteja sempre vinculada a uma finalidade específica, como trazer algum tipo de avanço para o meio científico: um novo objeto, um olhar criativo sobre um objeto já conhecido, uma metodologia inovadora, enfim, uma discussão que exija sua exposição através de gêneros que compõem o arcabouço do discurso científico (artigos, *banners*, dissertações, teses, capítulos de livros, livros etc.). Ocorrendo dessa maneira, o resultado é uma produção escrita criativa que promove o desenvolvimento da ciência e o aprimoramento do meio acadêmico.

No Brasil, a produção científica está intrinsecamente ligada à Universidade, especialmente, a pública, o que significa que boa parte do financiamento dado à pesquisa é de origem estatal ou federal. Faz-se necessário, por isso, que os trabalhos de pesquisadores e instituições mantidos pelo financiamento público sejam avaliados por órgãos responsáveis pelo desenvolvimento científico (tais como Capes, CNPq, Funcap, Fapesp, entre outros), para que se conheça a qualidade da produção acadêmica e se mensure os resultados dos investimentos realizados.

Porém, sabemos que, atualmente, a maneira mais utilizada pelos órgãos avaliadores para julgar a qualidade da produção é através da quantificação, deixando o aspecto qualitativo, muitas vezes, nas mãos das bancas de defesa ou de pareceristas de revistas e eventos. Assim, mede-se a produtividade de um pesquisador pelo número de trabalhos apresentados ou publicados em eventos e revistas de grande relevância no âmbito científico, sem que se considere o impacto do trabalho na área de atuação do seu autor. A busca pelo cumprimento de metas numéricas em um dado período de tempo, chamada por alguns de "produtivism", torna-se então mais importante que a relevância ou a criatividade dos conhecimentos que estão sendo expostos através da escrita acadêmica. Além disso, algumas práticas pouco éticas são utilizadas por muitos pesquisadores

para aumentar sua produtividade e alcançar as metas estabelecidas. Não é tão difícil observar casos em que o mesmo trabalho é publicado em eventos diferentes apenas com a alteração do título, uma prática não condenável, mas questionável, a fim de cumprir metas de produtividade.

É evidente que tais práticas interferem profundamente na maneira como os pesquisadores interagem com suas pesquisas e, consequentemente, na maneira como a escrita acadêmica é produzida, haja vista o "campo" e o "habitus" em que esta escrita se insere (BOURDIEU, 1984), produzindo tensões nos direitos do pesquisador. Assim, nosso artigo se propõe a uma análise de como essa prática avaliativa reorienta a escrita produzida na academia na medida em que afeta profundamente os pesquisadores, partindo da hipótese de que seu viés quantitativo remodela os objetivos da escrita, que passa a não ter como principais funções a produção e divulgação do conhecimento científico, mas o 'atulhamento' do currículo Lattes, o que afasta de modo notório a escrita acadêmica de um ideal que poderia proporcionar um desenvolvimento científico mais substancial e significativo.

TENSÕES NA PRODUÇÃO ACADÊMICA: HABITUS ACADÊMICO E UNIVERSO DO PAPEL

Quando se fala em tensão, temos de pensar que as questões tensionais são muitas vezes ocasionadas por determinado "campo"– no caso universitário –, que se articula pelo "habitus" (BOURDIEU, 1984) que ali habita – regras e normas comportamentais –, que, no caso deste estudo, se refere à dinâmica da produção de conhecimento, o produtivismo. E, neste "campo" comunidade acadêmica, direitos têm sido camuflados e impedidos de serem realizados. Ortega y Gasset (1967, p. 52) pondera que "eu sou eu e minhas circunstâncias", mas, no entanto, o que ele nos propõe não é nos vitimizarmos, mas lutar para salvar nossas circunstâncias, pois "se não salvo a ela, não salvo a mim". Ao propor que devemos salvar nossas circunstâncias, Ortega y Gasset entende "salvar" como compreender os sentidos de nossas circunstâncias, como se as compreendendo pudéssemos melhor vivê-las e melhor ligá-las, no caso, à nossa prática científica: "para salvar a circunstância é preciso compreendê-la, ou seja, saber o que ela significa nela mesma, na sua unidade e em suas efetivas conexões, em sua irredutibilidade, contudo na plenitude do seu significado em nossa vida, atualizando todas as suas virtualidades" (SANTOS, V, 1998/1999, p. 63).

E, para justamente compreendermos nossas circunstâncias no espaço acadêmico, vamos entrar em um universo conflituoso em que os caminhos do pesquisador se emaranham em uma rede cujos nós políticos oscilam de acordo com os ventos, ou seja, a postura ética do pesquisador que se movimenta entre o aprofundamento na produção do saber e seu direito de refletir, pensar e agir, em contrapartida às exigências lattianas[3] que valoram o conhecimento pela quantidade de papéis publicados.

Muitos espaços acadêmicos priorizam a quantidade de produção sem levar em conta a qualidade exigida para se alcançar o universo da ciência. No Brasil, tivemos o lançamento em agosto de 1999 da Plataforma Lattes, sistema organizado pelo CNPq

[3] O neologismo *lattianas* refere-se ao currículo Lattes.

que visa gerenciar uma base de dados sobre os pesquisadores e suas produções. Tantas são as solicitações numéricas de produção que o pesquisador, para atender às 'normas', pode estar abrindo mão do aprofundamento do conhecimento. Como diz Waters (2006, p. 28), editor da Harvard University Press, ao explicar o que chama "eclipse do valor",

> Entramos na região sombria da pesquisa acadêmica, e agora as exigências de produtividade estão levando à produção de um número muito maior de coisas sem sentido. Em épocas como esta, pesquisadores inescrupulosos e inebriados fazem alegações falsas sob a aparência de serem interessantes, mas que são também inverificáveis.

A voz cáustica de Waters sobre o que está ocorrendo no campo universitário se amplia ao valorar a produção de artigos:

> O problema dos artigos ridículos publicados pelos estudos das humanidades foi em parte resultado do grande aumento do número de publicações que se espera que eles próprios (e todos os acadêmicos) perpetrem em papel ou despejem uns sobre os outros, na forma de comunicações em congressos. Esse quadro mostra um mundo todo errado, mas o problema não se limita às humanidades. Estamos experimentando uma crise generalizada das avaliações, que resulta de expectativas não razoáveis sobre quantos textos um estudioso deve publicar. Não estou dizendo que não haja boas publicações – isso está muito longe de ser o caso –, mas o que as boas publicações têm de bom se perde em meio a tantas produções que são apenas competentes e muitas mais que não são nem isso (WATERS, 2006, pp. 24-25).

Em outras palavras, é o que Gonçalves Filho (2007, p. 1) também afirma sobre a produção de livros: "o modelo que as universidades adotam para a publicação de livros é o mesmo de uma fábrica de automóveis. Elas exigem produtividade, mas não exatamente qualidade". E em resenha sobre o livro tão crítico e violento de Waters, outra voz critica a corrida que se estabelece pela publicação:

> corrida pela publicação talvez jamais tenha sido tão frenética quanto hoje. Pesquisadores e professores precisam alcançar o estrelato nas avaliações de órgãos do governo, as universidades precisam obter conceitos e notas altas, programas de pós-graduação precisam sustentar suas boas famas e tudo isso depende da produção dos docentes vinculados às instituições. Os currículos, de preferência o Lattes, precisam estar muito bem recheados para que valham algo nessa competição, daí uma explosão de revistas ruins e livros que deveriam ter sido revistas. Um *boom* de obras organizadas com jeito de coletânea escolar, artigos feitos a partir de dissertações de mestrado e teses de doutorado mal editadas, textos apressados, organizadores esbaforidos tentando aumentar um ou dois pontos na "carteira" (RIBEIRO, 2009, p. 2).

Mas pensamos que não é só de gritos desesperados que se desconstrói o que vem ocorrendo com o pesquisador e a produção do conhecimento, porquanto os atuais gritos seriam a ponta do iceberg de um tsunami que já se anunciou há décadas pela voz de Bourdieu (1984). Só que agora está aparecendo que as águas turbulentas do tsunami estão promovendo afogamentos, afinal Bourdieu (1984, p. 21) já proclamava que "não se pode excluir que análise científica, ela mesma, venha a exercer um efeito de teoria própria a transformar a visão comum do campo [acadêmico]" (tradução nossa4). Aliás, para este autor,

4 "On ne peut exclure que l'analyse scientifique elle-même vienne à exercer un effet de théorie propre à transformer la vision ordinaire du champ".

> o *prestígio científico* equivale a um *efeito de oficialização*, de natureza semilegais: por isso, a criação de classes de *notoriedade* internacional fundada sobre o *número* de citações ou a elaboração de um *índice de participação* no jornalismo são operações semelhantes àquelas que os produtores de palmares realizam no seio do próprio campo (1984, p. 21, tradução nossa5) (itálicos acrescidos).

ENTULHO DO SABER

Tentando olhar para esta problemática por outras direções, convergentes e/ou divergentes, ela pode ser pensada por outros focos: o valor do sujeito pesquisador frente ao objeto pesquisado e sua importância para o crescimento da ciência com consequente atuação social. Essa questão se amplia se a quantidade alcança o entulho do saber.

Dois fragmentos discursivos são as locomotivas de nossa argumentação: um de Einstein (citado em TAGEBLATT, 2005) que aponta o desgosto diante do 'atulhamento de saber'; e outro de Rajagopalan (2003) que critica o linguista como um derramador de pérolas. Ambos os fragmentos, de alguma forma, comungam críticas sobre a questão do amontoado, o primeiro atende a um espaço do saber mais amplo e o segundo a área dos estudos da linguagem:

> (a) A comunidade dos pesquisadores é uma espécie de órgão do corpo da humanidade. Esse órgão produz uma *substância essencial* à vida que deve ser fornecida a todas as partes do corpo, na falta da qual ele perecerá. Isso não quer dizer que cada ser humano deva ser *atulhado de saberes eruditos e detalhados*, como ocorre frequentemente em nossas escolas nas quais [o ensino das ciências] vai até o desgosto. Não se trata também de o grande público decidir sobre questões estritamente científicas. Mas é necessário que cada ser humano que pensa tenha a possibilidade de participar com toda lucidez dos grandes problemas científicos de sua época, mesmo se sua posição social não lhe permite consagrar uma parte importante de seu tempo e de sua energia à reflexão científica. É somente quando cumpre essa importante missão que a *ciência adquire, do ponto de vista social, o direito de existir* (EINSTEIN citado em TAGEBLATT, 2005, p.4) (itálicos acrescidos);
>
> e
>
> (b) A autoridade do linguista não é automaticamente aceita pela sociedade ampla. Ela precisa ser conquistada. E para conquistá-la é necessário usar bastante persuasão. Não é *derramando o nosso saber* – como se fosse *um punhado de pérolas em meio a um amontoado de porcos ávidos* – que vamos conseguir convencer o público leigo de que temos algo importante a dizer (RAJAGOPALAN, 2003, p. 8) (itálicos acrescidos).

No primeiro fragmento Einstein atualiza comentários que perfilam o pesquisador como um profissional que se perde na quantidade de saberes, os quais não atuam na prática social; e, como tal, apenas preenchem dados quantitativos necessários para alçar o profissional à importância curricular solicitada pelo Olimpo acadêmico. No

5 "(...) le prestige cientifique équivaut, on vient de le voir, à un effet d'officialisation, de nature quasi juridique : ainsi, l'établissement de classes de notoriété internationale fondée sur le nombre de citations ou l'élaboration d'un indice de participation au journalisme sont des opérations tout à fait analogues à celles que réalisent, au sein même du champ, les producteurs de palmarès".

segundo, Rajagopalan completa a problemática do quantitativo ao posicionar o saber na estratosfera dos eleitos que ignoram o saber do leigo; este autor levanta a questão de a necessidade dos estudiosos ouvirem os leigos, já que ambos os sujeitos – pesquisador e leigo – compartilham a prática social em que convivem.

No que concerne ao produtivismo quantitativo, o sujeito acadêmico 'comum' é aquele que normalmente ainda não desfila pelo tapete vermelho da Academia, que não faz parte da casta nobre, e que, por tal, se encontra na massa de um agrupamento acadêmico cujos corpos se movimentam na multidão de objetos do conhecimento valorados pela quantidade. Damos a esse acadêmico a valoração de 'comum' não para aplaudir aqueles 'divinos', mas para salientar que não estamos atribuindo a todos os acadêmicos a postura que vamos discutir. Nessa valoração, primeiramente estaria a quantidade de papéis, ou seja, o pesquisador passa a ser avaliado pelo volume de papéis que fabrica; escreve sob a ótica da paráfrase, pois há que enumerar multiplicando 'conhecimento', o que nos faz lembrar a piada de corredor em que o pesquisador ironicamente diz ao colega à sua frente: "-- se eu ganhasse na proporção de papéis que manejo, estaria rico". A segunda perspectiva do quantitativo é correlacionar a quantidade de escritos à quantidade de objetos de saber; a cada escritura, o pesquisador pensa estar criando múltiplos objetos de saber. No entanto, cada produção não é necessariamente um novo objeto de saber, pode ser uma releitura do objeto. Barthes (1974) nos auxilia com a ideia de que cada releitura é uma primeira leitura, ou melhor, ressignificar um texto não é obrigatoriamente apresentar um novo objeto, mas possivelmente reapresentá-lo sob nova ótica. Por esse foco, entramos na terceira valoração do quantitativo, que se avoluma ao propiciar a cada objeto de saber novas representações. O *atulhamento* do saber ganha um lamento frente a um desejo não realizado:

> A tese do representacionalismo[6] é, ao mesmo tempo, uma *lamentação* e uma expressão de *desejo*. Ela é um gesto de *lamentação* porque afirma a incapacidade dos seres humanos de apreenderem o mundo numenal[7] tal e qual [...] Por outro lado, ela também é uma expressão de um *desejo*, pois elege como condição ideal da linguagem a total transparência (RAJAGOPALAN, 2003, p. 31) (itálicos acrescidos).

Apesar da questão do representacionalismo se ater à teoria de linguagem, fazemos correlação metafórica às múltiplas representações que o pesquisador dá a seu objeto de pesquisa, que, para provê-lo de aparência de ciência, precisa de derivações representacionais que se agrupam em montes aleatórios. Ele precisa de qualquer maneira que seu objeto se apresente, mas como essa epifania científica nem sempre é possível ou alcançada constrói ilusoriamente um amontoado de representações. Derrida (1999) nos possibilita continuar em nossa metáfora ao oferecer o que chama de "metafísica da presença". Esse autor aplica a ideia de "metafísica da presença" à escritura, ou seja, nenhum texto pode aspirar a um sentido estável, pois o sentido está sempre em descentramento, na medida em que o rompimento entre significante e significado é constante, ou seja, pensamos que há uma essência do significado, quando apenas temos a ilusão de sua presença. E podemos posicionar o pesquisador

6 Representacionalismo da/na linguagem leva à problemática da linguagem como atividade construtora de mundo versus a linguagem separada dos objetos do mundo. Ver Dascal (1983).

7 Expressão noumenon, utilizada por Kant para determinar a coisa em si. Ver Kant (1978).

nessa mesma dinâmica: ele pensa ser seu objeto de estudo o centro essencial do saber, mas, na realidade, tem à sua frente a ilusão de sua presença, na medida em que nenhum objeto de saber pode aspirar a um significado estável, estando este em contínua reprodutibilidade sem uma identidade unitária e estável. E, nessa busca de eliminar sua representatividade e mostrá-lo em sua essência, pode estar criando um amontoado de representações. Por essa situação, é que formulamos que o desejo de apresentação é o lamento das representações.

Alguns pensadores, inclusive os referidos – Einstein e Rajagopalan –, lutam contra a postura do excesso do sujeito cientista. Mas parece-nos que este sujeito que se perde em seu amontoado de saber ou que derrama saberes em detalhamentos 'infinitos' está situado em um momento sócio-histórico. Ou melhor, em um contexto mais amplo, é necessário entender que o sujeito e seu objeto de saber estão inseridos no momento da pós-modernidade, aquele em que "previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado: composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas" (HALL, 2000, p. 12). O que se pode aventar é que os sujeitos pesquisadores, por estarem na prática social (acadêmica) de uma pós-modernidade, portanto fragmentados, saem em busca de um essencialismo estratégico, que aporta na quantidade aleatória de um pretenso fazer científico. A ideia do excesso quantitativo junta fragmentos do saber que constrói um centro, mesmo que seja um centro 'atulhado'.

Em contexto mais específico, Sennett (2001) talvez nos dê argumentos de discussão– e não de justificativas para a persistência do 'atulhamento'. Para este autor, o sujeito pesquisador motivado cria expectativas – tais como divulgação e reconhecimento– em relação ao objeto pesquisado; como as expectativas não são atendidas, começa a adiar o resultado de suas expectativas; e de tanto adiar cai na fronteira do sujeito irônico, aquele que talvez só acumule papéis, objetos, representações de objeto e até ironize em torno deles – uma forma etnocêntrica de se valorizar, pois reúne os objetos em um monte, um centro 'atulhado' mas não menos centro.

A força etnocêntrica do 'atulhamento' de saberes não se encontra só em uma possível justificativa para satisfação de expectativas e rearrumação de fragmentações em um centro-monte. O etnocentrismo se faz presente na própria crítica contra o 'atulhamento' de saberes. Einstein (citado em TAGEBLATT, 2005) e Rajagopalan (2003) estão presos ao etnocentrismo, na medida em que ao criticar o amontoado de saber, designam os pesquisadores como "substância essencial" e "pérola", respectivamente. A aporia se manifesta, pois, a crítica precisa do fetiche para combatê-lo: pesquisador e derramador de saber sofrem ação de fetiche, pois são representados no processo designativo como ídolos venerados – "substância essencial" e "pérola". Sem dúvida, são designações que ratificam a posição etnocêntrica do cientista, cujas designações precisam ser utilizadas na tentativa de romper o etnocentrismo. Tais designações tentam deslocar o centro do saber pelo processo de transposição (*renversement*)8 (DERRIDA, 1999), mas não conseguem desconstruir a oposição binária, já que não basta apenas

8 Segundo Derrida (1999), *renversement* é apontar o que foi recalcado e valorizá-lo; a leitura desconstrutora propõe-se como leitura descentrada e, por isso mesmo, não se reduz ao movimento de *renversement*, pois se estaria apenas deslocando do centro por inversão, quando a proposição radical é a de anulação do centro como lugar fixo e imóvel.

inverter a dessimetria, porquanto se continua nas oposições binárias: pérola/porco e ciência/laico. Parece que as categorias – pérola/porco e ciência/laico – habitam a dimensão da (in)discernibilidade, ou seja, (im)possibilidade de decidir entre o falso e o verdadeiro, entre o pior e o melhor, quando talvez a questão entre Olimpo – pesquisadores – e Hades – leigos – seja uma questão do que Derrida (1999) nomeia de 'indecidível', ou seja, marcas são inscritas sem posições decidíveis e sem independência umas das outras.

É importante indicar, em nossa argumentação, que não estamos em nossas indagações criando hostilidades entre nossos pares, pois "não há nada verdadeiro, sábio, humano ou estratégico em confundir hostilidade à injustiça e à opressão, [...] com hostilidade à ciência e à racionalidade, o que é uma tolice" (ALBERT, citado em SOKAL; BRICMONT, 1999, p. 13).

TENTATIVAS CONCLUSIVAS E INDAGAÇÕES

O leitor deve naturalmente estar se perguntando se os abusos de paráfrases, se o volume de produção sem inovação de conhecimento "nascem de uma fraude consciente, de auto engano ou de uma combinação de ambos" (SOKAL; BRICMONT, 1999, p. 20). Essas questões específicas sobre atitude e intenções de determinados pesquisadores não são parte de nossa proposta. Não estamos no embate proposto por Sokal e Bricmont (1999) em relação a intelectuais de renome. A nossa proposta é um 'pensar crítico' sobre a postura acadêmica do pesquisador não apenas em relação ao saber, mas também em relação ao modelo de produtividade imposto pela Academia e à escrita resultante dessa prática.

Se o sujeito se encontra submerso nas tentativas de representação, como fica o fazer conhecimento através da escrita? Será que o mundo da paráfrase não está criando uma estagnação do conhecimento, ou seja, um universalismo antiprodutivo em que o paradigma epistêmico se assentaria? O termo "epistemicídios" (SANTOS, B., 2006a, p. 313) revela justamente um "paradigma epistemológico assente numa versão extrema de universalismo antidiferencialista", em que as diferenças de conhecimento e de objetos de saber são excluídos em prol da hegemonia da quantidade de celulose escrita e da abstração científica. O sistema inclusivo só admite a quantidade e abstração teórica. De ambos os lados dizeres irônicos: – Publico, logo existo; Penso, logo teorizo.

Se não priorizarmos as hegemonias, optando pelo "*renversement*" (DERRIDA, 1999), talvez possamos chegar à "ecologia do saber" (SANTOS, B., 2006b) em que o convívio entre teoria e prática e entre o saber comum e saber científico se faz harmônico. Uma coisa é optar por um caminho (ou vários, quem sabe?), posição que não exclui, até pelo contrário, coloca o conhecimento no universo saudável das diferenças. Contestar e não concordar com determinada posição teórico-prática é admitir a diferença; negar sua existência é habitar o mundo do antidiferencialismo.

Uma outra perspectiva em prol do diferencialismo é pensar o "conhecimento sobre as condições de possibilidade. As condições de possibilidade da ação humana projetada no mundo a partir de espaço-tempo local. Um conhecimento deste tipo é relativamente imetódico, constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica" (SANTOS, B., 2006b,

p. 77), ou seja, o pesquisador deve fazer da produção do conhecimento um percurso de inovação, permitir-se a transgressões metodológicas, cujo processo discursivo resulte em uma "personalização do trabalho científico" (SANTOS, B., 2006, p. 79). A paráfrase e o amontoado do saber ou só prática ou só teoria atendem ao estilo unidimensional, pois a dinâmica do conhecimento está na possibilidade diferencialista.

Parece-nos que essas brigas estão muito mais para políticas de representação tanto da identidade do sujeito acadêmico quanto do movimento do conhecimento. O pesquisador se vê dentro de um *stock* identitário em que uma das identidades é assumida, ou de produzir papel, ou de estar no mundo da paráfrase, ou estar submisso a teorias, ou ser um livre pensador, ou ser um pensador comedido ou ter direito a uma pesquisa refletida, e assim por diante. E diante de tais identificações acadêmicas, muitas vezes uma das identidades é reivindicada pelas circunstâncias do salve-se-quem-puder carreirista.

Podemos, então, equacionar esta questão entre o pesquisador e a sua escrita como um jogo político de exclusão e inclusão. Se o pesquisador se mantém no centro da produção de paráfrase, dá-se a exclusão do conhecimento, mas se o pesquisador não aderir à quantidade pode ser ele o excluído. São as escolhas do pesquisador, as circunstâncias acadêmicas que vão caucionar o que/quem se inclui/em e se exclui/em. O que se percebe é que esse movimento de inclusão e de exclusão no que tange ao pesquisador e à sua escrita é uma dinâmica política em que os fatores são determinados pelos interesses e habilidades de momento.

Sabemos ainda que a escrita acadêmica é direcionada principalmente pelos propósitos comunicativos dos gêneros utilizados no meio científico, por isso, se esse propósito é alterado, essa escrita sofrerá também mudanças significativas. Diante do que já discutimos, podemos afirmar que o propósito da escrita na Academia tem sido, muitas vezes, atender apenas às exigências produtivistas do Lattes, em função de uma representação do sujeito acadêmico para atender o *habitus* em que está inserido. Logo, não nos surpreende que a escrita produzida dentro desse modelo esteja perdendo qualidade, carecendo de uma retomada do seu propósito primário – a construção, inovação e divulgação do conhecimento científico.

Eis o corredor que atravessamos no campo universitário, em que acadêmicos-pesquisadores-cientistas, ciência e vida se imiscuem em um embaralhamento que talvez possa representar o mundo acadêmico em que vivemos em nosso cotidiano. Esperamos que todo esse embaralhamento não pare em uma "fábrica de automóveis" (GONÇALVES FILHO, 2007), que o "número de publicações [não se] perpetrem em papel" (WATERS, 2006, p.24) e que a "região sombria da pesquisa acadêmica" (WATERS, 2006, p. 28) abra a porta para a luz do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **Novos Ensaios Críticos:** o grau zero da escritura. São Paulo: Cultrix, 1974.

BOURDIEU, P. **Homo Academicus.** Paris: Minuit, 1984.

DASCAL, M. **Pragmatics and Philosophy of Mind.** Amsterdam: John Benjamins, 1983.

DERRIDA, J. **Gramatologia.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

GONÇALVES FILHO, A. O editor que não quer publicar pelo bem da ecologia, Lindsay Waters, da Harvard University Press, critica colegas acadêmicos e sugere maior rigor na hora de lançar um livro. **Controvérsia Blog,** pp.1-7, 16 de setembro de 2007. Disponível em: <www.controversia.com.br>. Acesso em: 21 set. 2011 .

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KANT, I. Crítica da razão pura. **Os Pensadores.** São Paulo: Abril, 1978.

ORTEGA Y GASSET, J. **Meditaciones del Quijote.** Madrid: Allianza, 1967.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma Linguística Crítica:** linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

____.; MARTINS FERREIRA, D. M. **Políticas em Linguagem:** perspectivas pragmáticas. São Paulo: Mackenzie, 2006.

SANTOS, B. de S. A construção intercultural da igualdade e da diferença. In: SANTOS, B. de S. **A gramática do Tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006a, pp. 279-316.

____. **Um Discurso sobre as Ciências.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006b.

____. Porquê pensar? In: SANTOS, B. de S. **A Cor do Tempo quando Foge,** v. 2. Coimbra: Almedina, 2012. pp. 39-40.

SANTOS, V. R. O homem e sua Circunstância: introdução à filosofia de Ortega y Gasset. **Metavnoia.** São João del-Rey. 1, pp. 61-64, 1988/1989. Disponível em <www.ufsj.edu.br/portal2respositorio/File/.../texto06_ortegaygasset.pdf>. Acesso em: 25 ago 2015.

SENNET, R. **A Corrosão do Caráter.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOKAL, A.; BRICMONT, J. **Imposturas Intelectuais:** o abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 1999.

TAGEBLATT, B. Veja o que Einstein pensava sobre a relevância da divulgação científica. **Jornal de Ciência e Tecnologia,** pp.1-4, agosto, 2005.

WATERS, L. **Inimigos da Esperança:** publicar, perecer e o eclipse da erudição. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012a. para entender, dentre outros aspectos, se a avaliação vem ou não direcionando a abordagem do LDP aos eixos de ensino.